

PRETÉRITO IMPERFEITO E PERÍFRASES IMPERFECTIVAS EM VARIÇÃO NA CODIFICAÇÃO DA FUNÇÃO NARRATIVA EM CONTOS ESCRITOS EM ESPANHOL

por Márluce Coan (UFC)¹ e Valdecy de Oliveira Pontes (UFC)²

RESUMO

Neste artigo, tratamos da variação linguística entre o pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas na codificação da função narrativa em espanhol. Nossos dados provêm de vinte e quatro contos escritos nessa língua, selecionados por comarca cultural: Caribe; México e América Central; Andes; Rio da Prata; Chile e Espanha. Obtivemos 671 dados, sendo 644 formas do pretérito imperfeito do indicativo, 96% do total, e 27 perífrases imperfectivas de passado, o que corresponde a 4% do total. Constatamos que, na função narrativa, o pretérito imperfeito ocorre, mais frequentemente, condicionado por modalidade *irrealis*, plano discursivo figura, objeto não afetado pela ação verbal, verbos dinâmicos e orações negativas.

PALAVRAS-CHAVE: Função narrativa; Variação linguística; Perífrases imperfectivas; Pretérito imperfeito.

IMPERFECT PAST TENSE AND IMPERFECT PERIPHRASES IN VARIATION IN THE EXPRESSION OF THE NARRATIVE FUNCTION IN SHORT STORIES WRITTEN IN SPANISH

ABSTRACT

This paper aims at discussing the phenomenon of variation in the use of the Spanish imperfect past tense and imperfect periphrases in the expression of the narrative function. The corpus consisted of twenty-four short stories written in that language, selected in accordance with their cultural region of origin: the Caribbean; Mexico and Central America; the Andes; the River Plate; Chile; and Spain. A total of 671 occurrences were registered, of which 644 were imperfect past tense forms, corresponding to 96 % of the total, and 27 imperfect periphrases forms, corresponding to 4% of the total. It can therefore be concluded that the imperfect past tense is more frequently used in the expression of the

1. Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará e Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina.

2. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará e Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará.

narrative function, conditioned by irrealis modality, in the figurative discourse level, as an object unaffected by verbal action, dynamic verbs and negative sentences.

KEYWORDS: Narrative function; Language variation; Spanish imperfect periphrases; Spanish imperfect past tense.

1. INTRODUÇÃO³

Ainda que os gramáticos apresentem as formas imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado) com funções e papéis fixos, sabemos que a língua não é estável, homogênea. Basta atentarmos para a língua em uso para constatarmos que é heterogênea, ou seja, apresenta variações, decorrentes de motivações diversas, ora internas ao sistema, ora externas, em decorrência, por exemplo, do espaço geográfico (variações diatópicas), de características do indivíduo – sexo, idade, etnia – (variações diastráticas) e da utilização de estilos diversos na comunicação (variações diafásicas)⁴. É nessa esteira que configuramos nossa proposta neste artigo. Analisamos a variação entre o pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado em uma das funções que desempenham: a função narrativa.⁵

Assentamos nossa justificativa em três observações decorrentes de nossas investigações sobre o tema: a) escassez de pesquisas empíricas (segundo Genta (2008), embora haja trabalhos que enfoquem perífrases imperfectivas de passado em Espanhol, são escassos os que tratam do uso, centrando-se tais pesquisas em discussões teóricas acerca de sua natureza categorial, por exemplo, Lenz (1935), Gili Gaya (1943), RAE (1983), Gómez Torrego (1988) e Alarcos Llorach (1994)); b) carência de trabalhos a partir de textos autênticos⁶ e c) verticalização da proposta de trabalho, uma vez que aqui tratamos apenas da função narrativa com vistas à especificação dos contextos de ocorrência de uma ou outra forma.

Visando à descrição dos contextos prototípicos em que as variantes ocorrem, primeiramente, em seção teórica, apresentamos algumas considerações sobre imperfectividade e sobre a função narrativa em espanhol, pois é preciso caracterizar a correlação função-formas traçada para análise neste artigo; em seguida, mostramos os procedimentos metodológicos adotados: *corpus*, grupos de fatores e análise estatística; por fim, articulamos postulados teóricos aos resultados estatísticos dos grupos de fatores controlados.

3. Artigo pautado em análise desenvolvida na tese *O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncionalista*, de Valdecy de Oliveira Pontes, sob orientação da Professora Márluce Coan.

4. Conforme proposta de Coseriu (1976).

5. Além da função narrativa, as formas sob análise podem codificar outros valores: descritivo, habitual, iterativo, de simultaneidade, de presente, de futuro, de cortesia, desiderativo, de contrariedade e lúdico.

6. Segundo Kramsch, o termo autêntico é usado em oposição à linguagem artificial pré-fabricada dos livros-texto e dos diálogos instrucionais; refere-se à forma não-pedagógica de uso da linguagem em situação natural de comunicação. (KRAMSCH, 1993, p. 175).

2. A IMPERFECTIVIDADE E A FUNÇÃO NARRATIVA EM ESPANHOL

Uma situação codificada por verbos envolve, prioritariamente, dois tipos de análise: a da localização temporal e a da perspectiva temporal (análise aspectual), ambas dependentes da dinâmica discursiva. Para Comrie (1976), o Aspecto é uma categoria semântica que depende do ponto de vista (interno ou externo) usado para focalizar uma determinada situação que pode ser descrita como (i) Perfectiva (o ponto de vista é externo; o processo é visto como concluído e destaca-se o resultado da ação expressa pelo verbo) ou (ii) Imperfectiva (o ponto de vista é interno ao desenvolvimento da ação; destacando alguma parte da sequência temporal em curso). No âmbito da imperfectividade, estão as situações que tentamos investigar: imperfeito e perífrase.

De acordo com Gutiérrez Araus (1997), na linguagem literária, utilizam-se as formas imperfectivas na progressão das ações da narrativa, quando se quer enfatizar uma determinada ação, com o objetivo de captar a atenção do leitor, empregando-se uma forma imperfectiva no lugar de uma perfectiva. Comrie (1981) pontua, entretanto, que é um equívoco considerar que construções perfectivas sempre apresentam ações pontuais e acabadas. Paralelamente, não se pode caracterizar todas as formas durativas como imperfectivas, embora a duratividade de um evento esteja atrelada, geralmente, às formas imperfectivas, mas não há garantia de que isso ocorra em todos os contextos. Segundo Freitag (2007), essa associação entre imperfectividade e ação inacabada, por um lado, e perfectividade e ação acabada, por outro, nem sempre se sustenta, já que há contextos em que cabem as duas leituras (perfectiva e imperfectiva). Pode-se, por exemplo, conforme García Fernández (1998), utilizar o pretérito imperfeito com verbos de culminação, quando o falante deseja expressar uma ação iminente que foi frustrada. Vejamos:

- (1) *Yo abría la puerta, cuando sonó el teléfono.*
Eu abria a porta, quando o telefone tocou.

O uso do pretérito imperfeito em textos narrativos com valor aspectual perfectivo, situação em que há uma neutralização aspectual, pode ser um problema para a teoria. Bertinetto (1986, p. 392 *apud* García Fernández, 2004, p. 73-74), ao tratar do pretérito imperfeito Italiano, nos mesmos contextos em que aparece em Espanhol, afirma que:

[...] Se é verdade que o imperfeito narrativo, especialmente nas formas mais divulgadas da imprensa, sente-se atualmente como uma mera variante (estilisticamente conotada) dos tempos perfectivos, logo não era assim em sua origem. Ademais, é significativo que ao princípio, na novela decimonônica, o imperfeito narrativo tendesse a aparecer exatamente nos mesmos lugares nos quais, normalmente, se costumava utilizar o imperfeito descritivo, ou seja, em frases iniciais, finais ou de transição de uma narração, habitualmente destinadas a delinear o fundo ambiental. A única diferença estava no fato de que o novo imperfeito se inseria diretamente

no fio da narração (daqui surge precisamente a denominação de “narrativo”), em vez de criar pausas puramente descritivas.⁷ (BERTINETTO, 1986, p. 392 *apud* GARCÍA-FERNÁNDEZ, 2004, p. 73-74)

Conforme García Fernández (2004), a existência de formas imperfectivas com valor perfectivo não se constitui argumento para se questionar a natureza aspectual dessas formas. O uso de formas imperfectivas, com tal valor, constitui-se a partir da neutralização do valor aspectual imperfectivo, para dar um efeito de lentificação da ação ou, ainda, de suspense na narrativa, trata-se de uso puramente estilístico. Em sua última publicação *Nueva gramática de la lengua española*, a RAE (2009) afirma que o pretérito imperfeito narrativo também é chamado de “ruptura”, porque, geralmente, é usado para apresentar uma ação como desfecho de outras que são introduzidas na continuação da narração. Além disso, salienta que não devemos confundir o imperfeito narrativo com o imperfeito que é utilizado como pano de fundo para as narrativas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Consideramos quatro obras por *comarca cultural*: Caribe; México e América Central; Andes; Rio da Prata; Chile e Espanha, totalizando 24 textos, cada qual com aproximadamente oito a dez páginas, perfazendo um *corpus* que tem, em média, de 30 a 40 páginas por comarca cultural. A escolha de um *corpus* de contos escritos justifica-se pelo fato de o texto literário nos oferecer, conforme Naranjo e García (2000), um vasto repertório de variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas, difícil de conseguir em *corpora* orais de mesma natureza em todas as comarcas culturais dos países hispânicos. De acordo com Silva (2009), mesmo que, na atualidade, haja uma gama de bancos de dados orais da Língua Espanhola, há diversidade no que diz respeito à metodologia para a coleta dos dados, ao estilo e às datas. Ademais, o acesso para os pesquisadores limita-se à consulta via internet e à aquisição em formato de mídias. Além disso, segundo Sánchez Lobato (1996, p. 237): “na manifestação escrita é mais factível, por sua reflexão, reconhecer a norma do sistema da língua, a norma (valor sociocultural) que coesiona todo o sistema espanhol”. Especificamente em relação à função narrativa, objeto deste estudo, pode-se dizer, em consonância com Gutiérrez Araus (1997), que seria difícil explicar de forma satisfatória o emprego do imperfeito narrativo no espanhol falado, já que tal forma parece restringir-se às narrativas escritas.

Eis os contos considerados. Do Caribe, *El enemigo*; *El que vino a salvarme*; *Unas cuantas cervezas*; *Unos cuantos niños* (PIÑERA, 2008). Do México e América Central, *Acuérdate*; *Diles que no me maten*; *El llano en llamas*; *La noche que lo dejaron solo* (RULFO, 2007). Dos Andes, *El verano feliz de la señora Forbes*; *La santa*; *Me alquilo para soñar*; *Sólo viene a hablar por telefono* (MÁRQUEZ, 2010). Do Rio da Prata, *Las armas secretas*; *Bruja*; *El móvil*; *Las puertas del cielo* (CORTÁZAR,

7. [...] Si es verdad que el imperfecto “narrativo”, especialmente en las formas más divulgadas de la prensa, se siente actualmente como una mera variante (estilísticamente connotada) de los tiempos perfectivos, no era desde luego así en su origen. Además, es significativo que al principio, en la novela decimonónica, el imperfecto “narrativo” tendiese a aparecer exactamente en los mismos lugares en los que, normalmente, se solía utilizar el imperfecto descriptivo; es decir, en las fases iniciales, finales o de transición de una narración, habitualmente destinadas a delinear el fondo ambiental. La única diferencia estaba en el hecho de que el nuevo imperfecto se insertaba directamente en el hilo de la narración (de aquí surge precisamente la denominación “narrativo”), en vez de crear pausas de naturaleza puramente descriptiva.

2008). Do Chile, Clara; La nieve; Llamadas telefónicas; Una aventura literaria (BOLAÑO, 1997). Da Espanha, *Claudius, profesor de idiomas*; *La eterna canción*; Marcelo Brito; *Noventa minutos de rebotica* (CELA, 1987a, 1987b, 1989, 2002).

Os dados foram analisados com base nos seguintes grupos de fatores: parâmetros de transitividade (cinese, número de argumentos, pontualidade, modalidade, polaridade, volitividade, afetamento do objeto, agentividade e individuação do objeto), conforme Hopper e Thompson (1980); tipos de verbos (atividade, estado, culminação e processo culminado), conforme Vendler (1957, 1967); relevo discursivo (figura e fundo), conforme Hopper e Thompson (1980); unidades da narrativa (resumo, orientação, complicação da ação, resolução, avaliação e coda), conforme Labov (1972b), e autores dos contos: Gabriel García Márquez, Camilo José Cela, Juan Rulfo, Virgilio Piñera, Roberto Bolaño e Julio Cortázar. Na sequência, foram submetidos ao programa estatístico GOLDVARB, que possibilita que o fenômeno de variação linguística seja analisado estatisticamente. Para cada fator (variável independente), na rodada estatística, é atribuído um valor numérico (peso relativo) que indica a probabilidade⁸ de essa variável independente favorecer ou desfavorecer a aplicação de uma das variantes (imperfeito *versus* perífrases).

4. ANÁLISE VARIACIONISTA DOS DADOS

Considerando-se que as perífrases imperfectivas de passado e o pretérito imperfeito do indicativo, com base no conceito de regra variável proposto por Labov (1978)⁹, estão em variação, conforme exemplos a seguir, descreveremos, nesta seção, os condicionamentos que favorecem a ocorrência de uma ou outra forma.

(2) *Allí iban los tres, con la mirada en el suelo, tratando de aprovechar la poca claridad de la noche.* (RULFO, 2007d)

Ali iam os três, com o olhar no chão, tratando de aproveitar a pouca claridade da noite.

(3) ... *proseguía viviendo, pero al mismo tiempo empezaba a morirme.* (PIÑERA, 2008d)

‘... **prosseguia vivendo**, mas ao mesmo tempo eu **começava a morrer**’.

De todos os grupos testados, o programa selecionou, nesta ordem, como significativos os seguintes: modalidade, afetamento do objeto, tipos de verbo, polaridade e relevo discursivo, cujos resultados e comentários expomos a seguir.

8. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 239), “A probabilidade de um evento representa a chance de ele acontecer”.

9. De acordo com Labov (1978), duas ou mais formas que, necessariamente, têm o mesmo valor de verdade no mesmo contexto, ou seja, portam o mesmo significado referencial, constituem uma regra variável.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
<i>Realis</i>	572/591	96,8	0.273
<i>Irrealis</i>	72/80	90,0	0.999

Tabela 1: Atuação da modalidade¹⁰ no uso do pretérito imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa¹¹.

Os resultados da Tabela 1 apontam forte correlação entre a modalidade *irrealis* e a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo, com um peso relativo de 0.999. Por outro lado, a modalidade *realis* restringe o uso da forma de aplicação com peso relativo de 0.273.

Segundo Labov (2001), a narrativa funciona como um método de recapitular a experiência passada através do alinhamento entre uma sequência de proposições e uma sequência de situações que ocorreram. Partindo desse pressuposto, podemos fazer uma correlação com o princípio de iconicidade, mais especificamente, com o subprincípio de sequência. De acordo com Givón (2001), este subprincípio apregoa que a ordem reportada reflete a ordem de ocorrência. Na função narrativa, para que haja a progressão do relato, é necessário que tenhamos uma sequência temporal para os fatos, ou seja, conforme Labov e Waletzky (1967), uma juntura temporal da narrativa; por conta disso, é mais frequente o uso de formas perfectivas atreladas à modalidade *realis*, já que usos modais, tempo futuro e negações, característicos de modalidade *irrealis*, na narrativa, não servem como núcleos temporais (BACK, 2008). A predileção pelas formas de pretérito imperfeito na competição com a forma perífrástica, para tratar de negações, conjecturas ou hipóteses e considerações sobre um fato narrado corrobora o exposto por Garcés (1997), que diz que o pretérito imperfeito do indicativo é utilizado na narrativa literária, na expressão da ação principal do relato, com o objetivo de ressaltar ou de dar ênfase especial para uma determinada ação. No entanto, é importante pontuarmos que encontramos as duas formas sob análise atuando na progressão da narrativa, sem conferir um valor que fosse necessariamente estilístico, mas, simplesmente, figurando no desenvolvimento das ações relatadas.

Na Tabela 2, há os resultados do segundo grupo selecionado estatisticamente como significativo para o fenômeno sob análise. Curiosamente, trata-se do afetamento do objeto. Se o primeiro grupo indicou correlação entre *irrealis* e imperfeito, então esperamos que esteja relacionado a objetos menos afetados. Eis o que ocorre.

10. Modalidade, como tradicionalmente definida, refere-se à atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado (Fleischman, 1982; Bybee e Fleischman, 1995). Uma asserção *realis* informa que algo é verdadeiro ou falso; uma asserção *irrealis* apresenta uma verdade possível (Givón, 1984).

11. Consideramos, em todas as tabelas, o pretérito imperfeito do indicativo como regra de aplicação, pois há mais dados dessa forma verbal.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Afetado	159/167	95,2	0.001
Não-afetado	485/504	96,2	0.902

Tabela 2: Atuação do afetamento do objeto no uso do pretérito imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.

A partir dos resultados, verificamos que o fator não afetamento do objeto favorece a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo, obtivemos um peso relativo de 0.902, enquanto que o afetamento mostra peso relativo de 0.001, o que significa uma forte restrição para o uso do imperfeito do indicativo, ou seja, a presença de um objeto afetado torna o contexto desfavorável para a ocorrência da forma de aplicação em questão. Podemos atribuir à ausência de afetamento do objeto um ambiente propício para a variação entre formas imperfectivas, pois se a forma não indica finalização da ação (tendência do imperfectivo), como se pode ter um objeto plenamente afetado? Geralmente, conforme Maldonado (1992), atribui-se à forma imperfectiva um afetamento parcial do objeto.

Contrariamente ao exposto acima, verbos de culminação e processo culminado são os que favorecem o uso do imperfeito, quando a expectativa seria de favorecimento do imperfeito por verbos de atividade e de estado. Vejamos os resultados na Tabela 3.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Atividade	341/351	97,2	0.146
Culminação	68/74	91,9	0.989
Processo Culminado	89/97	91,8	0.998
Estado	146/149	98,0	0.106

Tabela 3: Atuação do tipo de verbo no uso do pretérito imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.

Esses resultados parecem refletir diferenças no traço aspectual dinamicidade e não duratividade, assim o pretérito imperfeito do indicativo tende a ocorrer, principalmente, em contextos mais dinâmicos, deixando os menos dinâmicos às perífrases. Pode, ainda, ser o caso de o imperfeito, mais do que a perífrase, ser mais usado em lugar do perfeito, neutralizando a perfectividade, o que, segundo García Fernández (2004), reflete uso puramente estilístico. Nesse sentido, o uso de formas imperfectivas com verbos de culminação aparecerá em contextos específicos, por exemplo, quando o falante tiver a intenção de tratar de uma ação iminente frustrada.

Na mesma linha de raciocínio que vínhamos expondo antes da discussão sobre o tipo de verbo, se imperfeito se associa mais a contextos *irrealis*, é de se esperar que esteja mais relacionado a objetos menos afetados e ocorra mais do que as perífrases em orações negativas. É o que evidencia a tabela 4.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Positiva	557/576	96,7	0.289
Negativa	87/95	91,6	0.996

Tabela 4: Atuação da polaridade no uso do pretérito imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.

Levando em consideração o princípio da marcação, especificamente o critério de complexidade estrutural, caracterizamos: a) a sentença negativa como marcada em relação à sentença afirmativa (GIVÓN, 1995, 2001); e b) a perífrase imperfectiva marcada em comparação com o pretérito imperfeito do indicativo. Com base nessa observação e nos resultados estatísticos, atestamos que está em evidência o princípio de expressividade retórica proposto por Dubois e Votre (1994): um procedimento discursivo marcado tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação. Nesse sentido, formas marcadas podem ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados, resultando em um equilíbrio cognitivo-contextual, ou seja, o pretérito imperfeito do indicativo (estrutura menos marcada) tende a aparecer em sentenças negativas (contexto marcado em relação às sentenças afirmativas).

Por fim, o GOLDFARB apresentou o relevo discursivo como motivador da variável objeto deste estudo. Vejamos:

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Figura	485/504	96,2	0.868
Fundo	159/167	95,2	0.003

Tabela 5: Atuação do relevo discursivo no uso do pretérito imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.

O peso relativo de 0.868 evidencia uso do pretérito imperfeito do indicativo em figura, contexto marcado para a imperfectividade, levando-se em conta que a marcação é contextual (GIVÓN, 1995). Esse resultado corrobora o exposto na discussão sobre polaridade, ou seja, a escolha por uma ou outra forma parece garantir o equilíbrio cognitivo-contextual: a forma não marcada (imperfeito) tende a ocorrer em contextos mais marcados (figura), e a forma marcada (perífrase) no contexto menos marcado para a imperfectividade – fundo.

Há grupos que não foram estatisticamente selecionados, mas serão apresentados a seguir, apenas com resultados percentuais, para que possamos observar tendências de uso.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Complicação	639/664	96,2	0.491
Avaliação	5/7	71,4	0.967

Tabela 6: Atuação da unidade da narrativa no uso do pretérito imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.

É importante destacar, primeiramente, que somente essas duas unidades da narrativa apresentaram as duas formas de passado imperfectivo sob análise. Verificamos que a grande maioria dos dados se encontra na complicação da ação, que apresenta um peso relativo perto de 0.5, o que denota um caráter mais neutro no tocante à variação entre a forma simples e a forma perifrástica. Já a avaliação favorece a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo, com um peso relativo de 0.967. Esse resultado corrobora os achados de González (2009) que, em sua pesquisa com narrativas de experiências pessoais de adolescentes, encontrou, na avaliação, formas do pretérito imperfeito, do pretérito perfeito simples e do presente do indicativo.

Os parâmetros de transitividade não selecionados são expostos conjuntamente na Tabela7, para os quais tecemos breves considerações após apresentação dos percentuais.

Parâmetros	Presença	Ausência
	Aplicação/Total/Percentual	Aplicação/Total/Percentual
Agentividade	159/167/95,2%	485/504/96,2%
Individuação	485/504/96,2	159/167/95,2%
Volitividade	159/167/95,2%	485/504/96,2%
Pontualidade	159/167/95,2%	485/504/96,2%
Cinese	159/167/95,2%	485/504/96,2%
2 ou + argumentos	159/167/95,2%	485/504/96,2%

Tabela 7: Ocorrência de formas do pretérito imperfeito de acordo com os seguintes parâmetros de transitividade: agentividade, individuação do objeto, volitividade, pontualidade, cinese e número de argumentos.

Esses fatores não foram estatisticamente significativos para o fenômeno de variação entre pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado, o que pode ser atribuído ao fato de as formas imperfectivas, de modo geral, apresentarem baixa transitividade, conforme Hopper e Thompson (1980). De qualquer modo, os altos percentuais associados ao imperfeito denotam que esta forma é mais transitiva do que o é a perífrase. Aludindo à noção de escalaridade, não teríamos dicotomia entre transitivo *versus* intransitivo, mas formas mais transitivas e formas menos transitivas, estando o imperfeito mais próximo da do protótipo de transitividade do que estariam as perífrases.

Seguem, agora, os valores percentuais associados aos autores dos contos literários, valores muito próximos, por isso o grupo também não foi selecionado como estatisticamente significativo. Esses valores parecem indicar que não há diferenças estilísticas (preferência pelo imperfeito ou pela perífrase) entre os autores, embora sejam de comarcas culturais diferentes. Nossa intenção foi verificar apenas diferenças entre os usos das formas em análise, não cabendo aqui incursões estilísticas acerca de outras escolhas linguísticas, embora seja assunto interessante no âmbito das pesquisas sobre Língua-Literatura.

Fatores	Aplicação/Total.	Percentual
Márquez	96/100	96,0
Cela	21/23	91,3
Rulfo	63/67	94,0
Piñera	87/93	93,5
Bolaño	146/152	96,1
Cortázar	231/236	97,9

Tabela 8: Ocorrência de formas do pretérito imperfeito de acordo com os autores dos contos literários.

Os dados expostos nesta seção revelaram, a partir dos grupos investigados, que modalidade *irrealis*, não-afetamento do objeto, verbos dinâmicos e télicos, sentenças de polaridade negativa e plano discursivo figura são contextos prototípicos ao uso do pretérito imperfeito do indicativo quando em competição com a forma perifrástica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados de nossa investigação indicam tendências de uso das formas sob análise, sem, contudo, apontar generalizações para outros contextos. Nossa pretensão foi tão somente analisar duas formas em competição em textos literários advindos de diferentes comarcas culturais.

Embora nossa pesquisa tenha sido pautada em vinte e quatro contos e em um considerável número de grupos de fatores como possíveis motivadores ou do pretérito imperfeito ou da perífrase, estamos cientes de que mais pode ser feito, por exemplo, no que se refere ao *corpus*, mais contos podem ser incluídos e narrativas orais de vários bancos de dados podem ser acrescentadas para compará-las com as escritas. Quanto aos grupos de fatores, podem ser testados os seguintes: extensão da situação, tipo de referência, tipo de oração, continuidade da situação, tipo de sequência discursiva, tipo de episódio, modalidade em perspectiva escalar (de mais *realis* a menos *realis*), tipo de perífrase (com gerúndio, particípio e infinitivo) e valor expresso pelo modificador aspectual (duração, progressão, localização e frequência).

Essas sugestões revelam que estamos diante de um terreno fértil para investigações linguísticas. Não fizemos mais neste artigo por razões técnicas e por escolhas didáticas: optamos pela especificidade analítica, ou seja, escolhemos, dentre várias, uma função codificada por imperfeito e perífrase e, para não somente descrever dados estatísticos, tentamos interpretá-los à luz de pressupostos funcionalistas, trazendo para a análise correlações dos resultados, por exemplo, com o princípio da marcação, com o princípio da expressividade retórica, com o princípio da iconicidade, além de comparar alguns de nossos resultados com os de pesquisas sobre imperfeito e sobre perífrases.

REFERÊNCIAS

Alarcos-Llorach (1994). *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe.

Back, A. C. P. (2008). *A multifuncionalidade da forma verbal -sse no domínio tempo-aspecto-modalidade: uma abordagem sincrônica*. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Bolaño, R. (1997). Clara. In _____. *Llamadas telefónicas*. Barcelona: Anagrama.

_____ (1997). La nieve. In _____. *Llamadas telefónicas*. Barcelona: Anagrama.

_____ (1997). Llamadas telefónicas. In _____. *Llamadas telefónicas*. Barcelona: Anagrama.

_____ (1997). Una aventura literaria. In _____. *Llamadas telefónicas*. Barcelona: Anagrama.

Bybee, J. & Fleischman, S. (1995). Modality in grammar and discourse: an introductory essay. In _____. (eds.), *Modality in grammar and discourse*. Benjamins, Amsterdam. p. 1-14.

Cela, C. J. (2002). Noventa minutos de rebotica. In _____. *Cuentos Madrileños*. Padilla, Jose Montero. Madrid: Castalia.

_____ (1989). Marcelo Brito. In O. B. Pérez (ed.), *El cuento español: 1940-1980*. Madrid: Castalia, 1989.

_____ (1987). Claudius, profesor de idiomas. In J. Corrales (ed.), *Cuentos para leer después del baño*. Barcelona: Juan Granica.

_____ (1987). La eterna canción. In J. Corrales (ed.), *Cuentos para leer después del baño*. Barcelona: Juan Granica.

Comrie, B. (1976). *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. *Aspect*. (1981). 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press.

Cortázar, J. (2008). Las armas secretas. In _____. *Cuentos completos I. 2. ed.* Buenos Aires: Punto de lectura.

_____ (2008). Bruja. In _____. *Cuentos completos I. 2. ed.* Buenos Aires: Punto de lectura.

_____ (2008). El móvil. In _____. *Cuentos completos I. 2. ed.* Buenos Aires: Punto de lectura.

_____ (2008). Las puertas del cielo. In _____. *Cuentos completos I. 2. ed.* Buenos Aires: Punto de lectura.

Coseriu, E. (1976). *El sistema verbal románico*. México: Siglo XXI Editores.

Dubois, Votre, S. J. (1994). *Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento linguístico: a procura da essência da linguagem*. Rio de Janeiro: UFRJ.

Fleischman, S. (1982). *The Future in thought and language - Diachronic evidence from Romance*. Cambridge: Cambridge University Press. 217 p.

Freitag, R. M. K. (2007). *A expressão do passado imperfectivo no português: variação gramaticalização e mudança*. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Garcés, M. P. (1997). *Las formas verbales en español valores y usos*. Madrid: Verbum.

García, F. L. (1998). *El aspecto gramatical en la conjugación*. Madrid: Arco/Libros.

_____. El pretérito imperfecto: repaso histórico y bibliográfico. In: Ed. L. García Fernández y B. Camus Bergareche. *El pretérito imperfecto*. Madrid: Gredos, 2004.

Genta, F. (2008). *Perífrasis verbales en español: focalización aspectual, restricción temporal y rendimiento discursivo*. Tesis doctoral. Universidad de Granada, Granada.

Gili Gaya, S. (1943). *Curso superior de sintaxis española*. Madrid: Bibliograf.

Givón, T. (2001). *Syntax: an introduction*. Amsterdam: J. Benjamins.

_____ (1995). Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In _____. *English Grammar: a functional-based introduction*. Vol. I e II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.

_____ (1984). Tense-aspect-modality. In _____. *Syntax: a functional-typological introduction*. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 269-320.

- Gómez-Torrego, L. (1988). *Perífrasis verbales*. Madrid: Arco.
- González, S. G. (2009). *Análisis sociolingüístico de las diferencias de género en narraciones de experiencias personales en el habla juvenil de Santiago de Chile*. (Magíster en Lingüística con mención en Lengua Española) - Curso de Posgrado en Lingüística, Universidad de Chile, Santiago.
- Gutiérrez-Araus, L. M. (1997). *Formas temporales del pasado en indicativo*. Madrid: Arco/Libros.
- Guy, G. R. & Zilles, A. (2007). *Sociolingüística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola.
- Hopper, P.; Thompson, S. (1980). Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, 56(2):251-299.
- Kramsh, C. (1993). *Context and culture in language teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- Labov, W. (2001). *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell.
- _____. (1978). Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, 44.
- _____. (1972). *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Labov, W. & Waletzky, J. (1967). Narrative analysis. In J. Helm (ed.), *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, p. 12-44.
- Lenz, R. (1935). La oración y sus partes. In _____. *Estudios de gramática general y castellana*. Madrid: Centro de Estudios Históricos.
- Maldonado, J. G. (1992). *El aspecto imperfectivo en inglés: su expresión y función en el texto narrativo*. 456 p. Tesis Doctoral de la Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, Departamento de Filología Española I.
- Márquez, G. G. (2010). El verano feliz de la señora. Forbes. In _____. *Doce cuentos peregrinos*. 17. ed. Buenos Aires: Debolsillo.
- _____ (2010). La santa. Forbes. In _____. *Doce cuentos peregrinos*. 17. ed. Buenos Aires: Debolsillo.
- _____ (2010). Me alquilo para soñar. Forbes. In _____. *Doce cuentos peregrinos*. 17. ed. Buenos Aires: Debolsillo.
- _____ (2010). Sólo viene a hablar por teléfono. Forbes. In _____. *Doce cuentos peregrinos*. 17. ed. Buenos Aires: Debolsillo.

Naranjo, F. G. & García, C. M. (2000). Cuentos, cuentos, cuentos. Variación y norma en la presentación de un texto literario. *¿Qué español enseñar?* Norma y variación lingüísticas en la enseñanza del español a extranjeros. In *Actas del XI Congreso de ASELE*. Zaragoza. p. 819-829.

Piñera, V. (2008). El enemigo. In _____. *El que vino a salvarme*. Madrid: Cátedra.

_____ (2008). Unas cuantas cervezas. In _____. *El que vino a salvarme*. Madrid: Cátedra.

_____ (2008). Unos cuantos niños. In _____. *El que vino a salvarme*. Madrid: Cátedra.

_____ (2008). El que vino a salvarme. In *El que vino a salvarme*. Madrid: Cátedra.

Real Academia Española (2009). *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe.

_____ (1983). *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa- Calpe.

Rulfo, J. (2007). Acuérdate. In _____. *El llano en llamas*. Madrid: Planeta.

_____. (2007). Diles que no me maten. In _____. *El llano en llamas*. Madrid: Planeta.

_____. (2007). El llano en llamas. In _____. *El llano en llamas*. Madrid: Planeta.

_____. (2007). La noche que lo dejaron solo. In _____. *El llano en llamas*. Madrid: Planeta.

Sánchez-Lobato, J. (1996). Modelos de uso de la lengua en la literatura actual. La lengua desde la enseñanza, Tendencias actuales en la enseñanza de español como lengua extranjera, In *Actas del Quinto Congreso de ASELE*. Málaga, p. 235-246.

Sankoff, D.; Tagliamonte, S. A. & Smith, E. (2005). *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics.

Silva, I. M. (2009). *As voltas que o modo dá: parâmetros funcionais da alternância indicativo/ subjuntivo em espanhol*. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Vendler, Z. (1967). Verbs and Times. In _____. *Linguistics in philosophy*. New York: New York University Press.

_____ (1957). Verbs and Times. *The philosophical review*. 2(2):143- 160.